

**VIVÊNCIAS...
REFLEXÃO EM ENSINO CLÍNICO**

Amarílis Pereira Rocha*

Hélder Oliveira**

CUIDAR ... esta arte que precede todas as outras, sem a qual não seria possível existir, está na origem de todos os conhecimentos e na matriz de todas as culturas; inserida na textura da vida quotidiana, esta arte permanece ainda tão irreconhecível que a variedade dos seus efeitos se mantém insuspeita.

Como falar dos cuidados? Mais difícil ainda; como ensinar os cuidados a quem quer ser um profissional da prática dos cuidados? Uma vez que existirá sempre esta distância imensa entre a ressonância e a razão que eles suscitam ...

Como permitir a sua representação aqueles ou aquelas que pensam crescer distanciando-se e não descobrem ou não redescobrem a sua absoluta necessidade senão na ocasião de situações trágicas advindas de uma doença ou de um acidente?

É na poesia, na canção, na música, em tudo o que nos permite perceber ainda as vibrações da vida que se procura, da vida em emoção, que se deverá continuar a obter recursos para evocar o que representam os cuidados inseridos na sua auréola de admiração, alegria, sofrimento, solidão, dor, esmagamento, silêncio, revolta, satisfação, desgosto, ímpeto de amor e de desespero, de renúncia ou desejos reecontrados ...

Estes são pequenos extractos do livro “Soigner ... le premier art de la vie” da autoria de Marie-Françoise Collière: 2001, que nos ajudaram a repensar a importância dos Ensinos Clínicos, isto é, a aprendizagem através da prática nos locais de prática ...

Como professora de enfermagem e orientadora do primeiro estágio do Curso de Licenciatura em Enfermagem, podemos debruçar-nos sobre duas dimensões desta problemática. Por um lado a necessidade de que os estudantes aprendam a Cuidar: cuidar no sentido profissional, englobando a mobilização dos diversos conhecimentos teóricos e práticos e a vertente relacional, e cuidar como *...arte que precede todas as outras*, “manter a vida garantindo a satisfação de um conjunto de necessidades indispensáveis à vida, (...) diversificadas na sua manifestação” (Collière: 1989, p. 29). Por outro lado a necessidade de nós próprios, professores destes futuros profissionais dos cuidados, cuidarmos ... cuidarmos dos utentes dos serviços de saúde, servindo de modelo aos nossos estudantes mas, especialmente, cuidarmos do ser humano que é

* Professora Adjunta da ESEnfViseu

** Estudante do 8º Curso de Licenciatura em Enfermagem

objecto das nossas funções docentes e que são os nossos estudantes, nas suas experiências dos cuidados na prática profissionalizante.

As primeiras situações da prática clínica vivenciadas pelos estudantes de enfermagem são habitualmente direccionadas para o contacto com o indivíduo saudável nas várias etapas da vida; acontecem na comunidade através dos Centros de Saúde, eventualmente em Creches ou Jardins de Infância e nos Lares / Residências para Pessoas Idosas.

Este artigo, sem cariz científico, foi despoletado pelo exercício da função docente em Ensino Clínico nesta última situação – um Lar para pessoas idosas; a vivência desta experiência suscita em nós uma permanente inquietude na mobilização de todas as capacidades, tendo em vista a aprendizagem dos estudantes, o seu bem-estar enquanto jovens e a sua consolidação de ideais com vista à persistência no Curso que escolheram.

Estes debatem-se com a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes e com sentimentos/emoções profundos, relacionados com as primeiras experiências nos cuidados, primeiros contactos com pessoas no final da idade adulta - grupo etário com características muito peculiares - e com uma história de vida pessoal que lhes proporciona percepções diversas mas complexas.

O desenvolvimento desta competência tem-nos levado a prosseguir com metodologias que apelam à reflexão contínua, traduzida através da escrita, que tem como um dos objectivos, uma melhor percepção das vivências dos estudantes, para, através do diálogo e novas reflexões, os Ajudar no seu crescimento pessoal e profissional.

O texto que a seguir se transcreve na íntegra, ilustra não só a percepção dos cuidados num Lar de pessoas idosas, como também os sentimentos/emoções ...vividos por um jovem estudante de enfermagem no seu primeiro contacto com Pessoas Idosas em situação de internamento.

QUANTO VALE UM SORRISO?

Este é o relato de quanto vale um sorriso.

Um sorriso deve valer algumas calorias, gastas a mover vinte e sete músculos humanos do crânio. E vale pouco quando esquecido nas sombras da negativa introspecção do dia-a-dia. Um sorriso não vale a pena, se incumbido de cinismo e hipocrisia. Um sorriso não vale nada, se a todos nos serve de escárnio pela infelicidade alheia.

Deitado. A roupa da cama completamente escangalhada. Numa pose longe do decúbito lateral idílico para a promoção da cura das suas feridas e prevenção do aparecimento de outras mais. Numa cama, ao canto da sala da enfermaria pouco

iluminada pelas cortinas fechadas. Sem mesa-de-cabeceira própria na “UNIDADE DO UTENTE”! ... Mudo, ou quase, pela dificuldade em ser entendido, por ter poucos dentes (*Você é estrangeiro! Não entende o que eu digo...* - disse-me ele, um dia). Com o olhar incisivo, capaz de trespassar as vastas e frias paredes e de o levar até bem perto do seu *pinhal cercado*, onde uma terrível noite teve que ir socorrer o gado que berrava por ele, onde duas vacas tinha...

O pinhal... “*o meu pinhal tem carvalhos... não sei se na sua terra tem, mas tem carvalhos e eucaliptos... é o sítio mais bonito.*” O pinhal... que o fez acordar sobressaltado, um dia que o deixei dormir até mais tarde – durante a noite não consegue dormir “*(...) fazem muito barulho... na minha casa consigo dormir... no pinhal não há barulho (...)*” –, por um homem que veio de Lisboa para lho comprar por engano. “*Mas ele não me engana!... O que é meu, é meu... o pinhal é meu e não o vendo.*” Ele, que não negocia o pinhal, não negocia com o seu corpo os passos para se ir daqui embora, não negocia o momento oportuno para executar as suas funções corporais, não negocia a coerência das palavras e pensamentos, foi em tempos um homem de grandes negócios. “Aprendeu a negociar na escola da vida e não como eu que aprendo a ser enfermeiro num momento conveniente e oportuno.” O pinhal... esse a que os filhos agora não dão valor.

O filhos... Será que eles existem? Será que existe o pinhal? E a bicicleta que comigo queria negociar, quando soube que eu não tinha carro? Será que são tão reais quanto a bengala que está na cama em frente e o cinto por baixo do colchão e a “bela” avenida que passa bem no meio do quarto e a carreira que vai apanhar daqui a pouco para ir-se daqui embora e as caminhadas que dá quando não lhe falham as pernas? ... Será que é dor, o que sente quando fita o horizonte... perdão, quando fita a beira da cama sem mais palavras para regurgitar, rude e desafinadamente? ... Será que é raiva, o que sinto quando mais um dia se passa sem que o consiga convencer a dar uma volta pelo Lar, conversar com alguém, sair do seu estado quase vegetal?

Ontem, consegui convencer a Sra. D.^a O. a levá-la, na cadeira, para o pé do Sr. M., para que conversassem... trocaram algumas ideias, mas não sem que, de pronto, a levassem de volta para o isolamento do seu quarto, para a alienação do seu monólogo: “*Ó Sr. Enfermeiro, ó Sr. Enf., ó Sr. Enf! Acuda-me aqui, acuda-me aqui, acuda-me aqui! Ó Sr. Enf. ...*” – quantas vezes, Sra. D.^a O., lhe quis dizer que me custa mais a mim do que a si, ter de lhe virar as costas... quantas vezes, lhe quis explicar que as coisas que me fazem afastar, são bem menos importantes que estar ao pé de si...

Deitado. As peças da sua vida completamente escangalhadas. Numa pose longe da dignidade do homem que foi em tempos, vem a professora e diz:

- O Helder vai ficar com o Sr. M. Olá Sr. M! Como está?! O Sr. M. é um doce!
...- O Sr. M. sorriu.

Daqui, à distância dos dias – das horas passadas em esforço e profundo empenho – disseco esse sorriso.

No momento, pensei que teria ficado feliz com tão ternurento cumprimento. Mas, quanto lhe terá valido tal sorriso? Será que foi honesto ou será que pensou que um doce serve para nos adoçar o dia e não para o jogarmos num leito sujo, escuro, isolado...

Sr. M., quanto me custou sorrir-lhe no dia seguinte, depois de me dizer que eu era teimoso, chato... porque o obriguei a comer e a vestir o casaco quando espirrou e insisti vezes sem conta para que bebesse água e pus-lhe o termómetro contra a sua vontade e sufoquei-lhe o frágil braço com a braçadeira do esfigmomanómetro. Mas sabe, Sr. M., de cada vez que entrei no quarto, respirei fundo e mostrei-lhe o meu mais rasgado sorriso. Por muita raiva que de mim sentisse por estar a seu lado para cuidar de si e não conseguir mais do que fazer a sua higiene, a sua cama e irritá-lo com insistências acerca dos seus deveres, quando toda a vida cumpriu deveres. A minha vontade era atirar o termómetro pela janela quando o Sr. não o queria; era mandar vir uma comida a seu gosto; era dizer que sim, que tinha um carro para dois para o levar de volta para o seu ‘pinhal com carvalhos e eucaliptos e vacas e a sua motorizada’ ou para a minha terra, lá perto do Porto. A minha vontade era mandar a funcionária embora, para bem longe de si, quando o Sr. me apertou a mão com mais força do que quando afastou o termómetro e me pediu que não o deixasse ali sozinho porque a mulher estava ali, a falar alto e rudemente.

Mas sabe, Sr. M., depois de cada noite que adormeci inundado em impotência, regresssei ao seu quarto com o meu mais rasgado sorriso, por muito que me doesse olhar para si, de maneira que, agora todos sabem eu não preciso que lhe injectem comida pela boca abaixo, porque o Sr. come pela própria mão.

Mas sabe, Sr. M., nem eu imaginava que o meu sorriso valesse um carro para dois, para o levar ao pinhal ou mesmo à minha terra... lá perto do Porto.

BIBLIOGRAFIA

COLLIÈRE, Marie-Françoise – *Soigner ... le premier art de la vie*. 2ª ed. Paris: Masson. 2001.

COLLIÈRE, Marie-Françoise – *Promover a vida : da prática das mulheres de virtude aos cuidados de enfermagem*. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses. 1989.